CÁRLISSON BARDO

AS SEMENTES DO MUNDO INFERIOR

PARTE II

Episódios 22 a 28

https://link.cordeis.com/sementes

Este e-book apresenta os episódios 22 a 28 da novela de aventura **As Sementes do Mundo Inferior - Parte II**. A primeira parte pode ser lida no Wattpad. Os episódios anteriores (e futuros, com o tempo) podem ser baixados em PDF em https://link.cordeis.com/sementes.

Índice

#15 - Nova Aquisição.....3
#16 - Visita ao Mestre Alquimista.....8
#17 - Prestes a Partir.....13
#18 - O Ritual do Cajado.....17
#19 - O Lago de Fogo.....22
#20 - O Agricultor Invisível.....27
#21 - Uma Notícia para Zadar.....32

As Sementes do Mundo Inferior – Parte Ii é uma novela de aventura de Cárlisson Bardo, publicada como folhetim, em episódios semanais. Informações sobre como acompanhar e como ajudar estão na última página deste PDF. Ilustração da capa foi feita por Santhiago Albuquerque.

#22 - Cabumlogia

"Mas além dessa loucura toda de mundos e ilhas-mundos, existem os planos elementais ou mais ou menos isso. Um mundo inteiro subterrâneo cheio de fogo, lava e maldade. Um mundo cheio de água onde praticamente não existe terra firme. Um mundo do ar com seres voadores e bondosos. Nessa lógica, nós deveríamos estar no mundo da Terra e talvez haja um mundo de energia ou de luz e sombras, não sei. A passagem para esses mundos seria através de portais, que podem ou não estar na Floresta Desalma. Suspeito que não estejam. Quando Flamdarir pediu para plantarmos sementes de árvores celestiais, capazes de bloquear totalmente o acesso de Golvoczur à floresta Coração Verde, não entendi direito muita coisa. Será que Golvoczur seria mesmo a única preocupação do velho mago?"

A guarda observa atenta a elfa se aproximar. A postos, colocam-se à frente da passagem.

– Grog está?

– Sim, vou avisar sobre sua chegada. – Ele entra e demora um pouco antes de voltar. – Pode entrar.

Sharon passa a porta e segue em direção ao laboratório do goblin, com suas mesas baixas – apropriadas para goblins – e suas estantes cheias de frascos e com alguns livros.

– Hu hu! Zadar não está muito feliz com vocês!

– É, acho que não. Dessa vez tivemos que dormir em uma pousada.

– Vocês fecharam a rota pra Xenon! Como vai ser o comércio lá agora? Espero que Praxeó tenha conseguido voltar pra casa.

– Realmente lamento pela perda da rota, mas não acha que seria perigoso deixá-la aberta?

– Quer mesmo saber o que eu acho? Acho que Zadar é que vai ter que cuidar disso, hihi. E então, venha pra cá. – Grog chama Sharon, enquanto se dirige a uma mesa cheia de vidros e material de alquimia – Quero que me mostre o que sabe fazer.

– Eu não sei muito ainda. Sei fazer bombas de fumaça, mas não tenho muita experiência com isso.

– Tudo bem... Então me diga que material é esse?

– Ali é enxofre. Salitre, água, álcool. Carvão, sal, mercúrio...

– Acho que basta. Que técnicas você conhece?

– Bom, conheço filtragem, fervura, banho maria...

– Esqueceu o mais importante: a destilação!

– O explosivo passa por destilação?

– Haha, você não pegou! Bebida, elfa! Gosta de beber não?

– Haha, claro que sim! – Ela sorri, mais à vontade.

– É, o que você aprendeu é bom, mas tem um bocado a aprender. Você vai precisar de tiras firmes de pano para prender a substância. Vai ter que conseguir amarrar firme, em um pacote pequeno e apertado, separando os dois elementos. Com a pressão da flecha, eles se misturam e cabúm!

– Então é possível?

– Claro que é! Mas não é tão simples. Você vai precisar de pólvora azul.

– E onde eu arrumo isso?

– Eu tenho alguma aqui, mas você não arruma. Você vai ter que aprender a fazê-la.

– Certo. O que tenho que fazer?

– Calma, elfa! Você tem que ter calma! Seu amigo não ensinou sobre isso na alquimia não, hehe?

– Sobre o quê?

– Sobre ter calma! – Grog fala e se diverte com a reação de surpresa da Sharon. Então respira fundo e continua. – Você vai precisar de duas pastas também. Uma para isolar e se desmanchar com impacto, pra separar as substâncias. E outra para isolar e colar o pano pelo lado de fora.

– Acho que estou entendendo.

– Talvez sim, talvez não! Quem vai dizer é o Cabum! Hahaha! Venha, criança... criança altona. Agora é a sua vez!

Sharon seguiu suas instruções e foi

assim que passou a entender melhor as peculiaridades do estilo de alquimia de Grog. Foi um dia de muitas tentativas, com algumas explosões muito divertidas, pelo menos para o mestre goblin. Na pausa para o almoço, a elfa foi convidada a comer por lá e, logo depois de alimentados, voltaram ao trabalho. Só foram parar quando próximos da hora da janta.

– Você é muito afobada, como eu já te disse. Quatro tentativas num dia? Tem que se concentrar mais. Pra fazer bem feito isso leva tempo.

– Vou tentar.

– Mas o Cabum disse uma coisa sobre você.

– O quê?

– Você tem talento.

– Você fala desse Cabum, Peido Quente. É alguma divindade? Não conheço nenhuma com essa alcunha.

– É uma metáfora, hihi! Tudo tem que ser um deus pra vocês!? Elfos levam as coisas muuuuito a sério! – Ele caminha até uma estante e pega um livro. – Olha aqui, elfa. Você tem talento, mas precisa estudar mais teoria. Como eu sei que sabe ler, vou te emprestar esse livro aqui, mas não pode sair do Lago Ardente.

– Muito obrigada, Peido Quente, mas eu não sei se vai dar certo. Na verdade, estamos de saída. Amanhã mesmo provavelmente partiremos para continuarmos nossa missão.

- Hmmm... Nesse caso o acordo muda. Você pode levar o livro, mas tem que me devolver.

- Certo.

- E me dar 50% dos tesouros que você conseguir na missão.

- Não posso responder pelas conquistas do grupo.

- Ora, 50% da sua parte!

- Então está feito.

- Pois estamos acertados. Antes de você ir... - Grog caminha até outra estante e volta trazendo algo na mão. --Tome, é uma seta explosiva que fiz pra testar o conceito.

- Nossa, obrigada!

- Brigada nada, é cinquenta moedas de ouro, hahaha!

#23 - Dentro da Magia

"As pessoas não sabem, mas tem várias ilhas em toda a costa de Minas Leste. Nenhuma grande demais, mas tem muito lugar interessante que a gente visitava com a Emília de Bronze. A gente visitava com mais frequência, é claro, as que tinham interesse comercial. Tinha ilhas de mineração e de criação de animais ou plantio. E tinha algumas que desenvolveram muito as habilidades de navegação. Eles viam a gente como concorrência e não gostavam quando a gente passava perto. Tinha uma ilha de goblins, que por Roko! Que povo chato! Peguei tanta raiva que nunca memorizei o nome do canto. Se eu ouvir, eu reconheço fácil, mas fiz questão de não gravar. Eles vinham nos barquinhos deles e ficavam gritando com uns artefatos de aumentar a voz. A gente chamava aquela ilha só de Desgraça mesmo."

Havia apenas luz. Uma luz intensa e constante. Não era capaz de cegar, mas encandeava e não permitia que se visse mais nada. Uma luz ofuscante, que escondia tudo como uma camuflagem. Pensando nisso, Sharon instintivamente busca o Açor Real com a mão. Não encontra.

A luz começa a deixar que parte do segredo escondido seja revelado. Estranhamente não era algo a ser visto. Era um

som. Um grito de uma ave de rapina antecede um cântico em uma língua estranha, desconhecida para ela. O cântico, porém, lhe traz paz e revela força e sabedoria. Sharon tem uma estranha sensação de familiaridade com a luz e os sons. Finalmente resolve o mistério e se lembra de onde percebeu algo similar, apesar de mais discreto e sutil. Ao descobrir, desperta.

Ild estava sentado, meditando. Ezelius ainda em repouso, deitado.

– Ild?

– Oi, Sharon, pode falar.

– Tive outro sonho estranho.

– Massa. Onde a gente precisa plantar a próxima semente?

– Não sei ainda. Sonhei com um lugar cheio de luz e com uma música cantada no fundo. Um lugar sagrado.

– Acha que era Suno?

– Acredito que sim.

– E o que ele dizia? A mensagem pode estar na canção.

– Era em outra língua, não consegui entender.

De repente, os dois ouvem uma gargalhada de Ezelius.

– Esse deus de vocês, sei não... Nem checa o idioma antes de mandar um recado?! Serviu foi de nada.

– Vou procurar All Thorn.

– Ele deve estar dormindo.

– Talvez não tenha essa sorte. – Ela sorri e se abaixa para passar pela porta do quarto.

Esses quartos goblins realmente são muito desconfortáveis para o grupo, incomparáveis com aquela tal Casa de Hóspede.

Seguindo pelo corredor, Sharon alcança a entrada e se abaixa novamente para sair da construção. Na área que seria um jardim, se houvesse vegetação de qualquer tipo, ela encontra, ao canto, o paladino deitado com as costas apoiadas em Teraaz. Os dois dormem.

Diante disso, ela resolve se sentar por ali mesmo e atualizar seu diário com o relato do estranho sonho, enquanto aqueles dois não acordam.

As anotações terminam e ela pega o livro de Grog. Os princípios da alquimia de explosivos, a obtenção daqueles componentes que ela nunca havia visto. Um novo mundo se abre para ela, um que ela suspeita que nem mesmo Ild conhece.

Os estudos se estendem por algumas horas ainda, até que ela escuta a voz do seu colega.

– Sharon? Algum problema?

– Não, estou só estudando o material que o Peido Quente me emprestou.

All Thorn não consegue evitar de sorrir ao ouvir a estudiosa Sharon falar assim de Grog.

– Certo, bom dia então.

– Acho que sonhei com Suno.

O paladino arregala os olhos.

– Como foi isso?

– Só tinha luz, mas era uma luz de paz e ouvi uma canção em uma língua desconhecida.

– Teve alguma revelação?

– Não. De alguma forma era como se eu estivesse dentro da sua magia sagrada.

– Sim, eu percebo... – Já de pé, o paladino passa a mão no cabelo lilás, pensativo. – Certamente é um bom sinal. Significa que estamos sendo abençoados por Suno Brilhante em nossa jornada! Estamos no caminho certo e vamos mesmo partir hoje. Diria mais: o quanto antes! Preparado para a jornada, meu amigo?

O cavalo Teraaz se levanta ao ouvir essas palavras e responde:

– Quando você quiser. Gostaria somente de me alimentar antes.

– Claro! Vai sim, vamos! Vou lá dentro juntar o pessoal e trago já alguma comida pra nós. – Ele vai em direção à porta, aproximando-se da Sharon. – E você? Já comeu?

– Ainda não.

– Vamos lá então? – Ele estende a mão para ajudá-la a se levantar. Ela aceita e segura mais como um comprimento, guarda o livro e vai com ele em busca dos outros companheiros.

Haseid e Wolfgar já estavam na porta do quarto esperando.

- E Neriom?

- Ainda está dormindo. Parece até que ele é que encheu a cara ontem! Por que a pressa de vocês?

- Vamos partir assim que nos alimentarmos. - All Thorn responde.

- E o que foi? - Wolfgar pergunta e encara a Sharon. - Você teve outro sonho daqueles? Sabe onde devemos plantar a semente?

- Tive um sonho, mas não essa informação.

- Eu estou começando a ficar com ciúmes. - All Thorn desabafa. - Suno só quer revelar coisas pra você!

#24 - Sem Presas Verdes

"Logo que conheci Wolfgar, notei que tinha algo de diferente nele. Esquentado como todo anão, ele era navegador. Um pirata, veja só! Não foi difícil fazermos aliança. Interessante é que ele também é muito ligado ao divino, apesar de gostar de pensar que não é. De vez em quando eu ouço ele falar do deus dele, Roko, mas fico na minha pra ele não se constranger. Não vejo problema algum no fato de ele ser seguidor de Roko e não de Suno, é claro. Desde que não siga um deus maligno como Perfidio e Colera, ou um falso deus maligno como Vorgocnaran, tudo bem! Além disso, Wolfgar é um grande amigo. Quando usa seu martelo, até fica grande de verdade. Apesar de a gente não costumar conversar muito, considero-o um forte aliado, quase um irmão meu."

O grupo segue por túneis em direção ao leste. Já fora de Lago Ardente. Sharon e Haseid vão na dianteira, seguidos por Ild e Ezelius. No final, vão Wolfgar, All Thorn e Neriom. O gnomo vai sobre Teraaz, junto com o paladino.

- Ainda não consegui ouvir ele. - Neriom desabafa de repente.

- Ele quem?

- O Alvinegro.

- Relaxa, pequeno. Tudo a seu tempo. Você como clérigo deve saber que os deuses

tem seu próprio ritmo, nos dão o tempo que querem e nos tomam o tempo que acham justo.

- Eu sei, mas queria ativar logo Alvinegro, até para poder ser mais útil em batalhas.

- Eu entendo você. Também estou torcendo pra que você consiga logo. Esse cajado é bem interessante e estou curioso para ver que habilidades ele tem. Vai dar certo, esquenta não meu camarada.

Enquanto isso, lá na frente...

- Rapaz, não vejo a hora de a gente sair desse buraco.

Sharon sorri ao comentário de Haseid.

- Está com calor? Você não é de Galdentur Sul, do mundo do deserto?

- Eu com calor?! Tá maluca? Eu não! Isso pra mim é como estar em casa! Só que eu saí de casa procurando lugar diferente, mais tropical. Não quero ficar num lugar que pareça minha casa, senão nem tinha saído de casa, se é que você me entende.

- Entendo sim. Sabe que às vezes eu esqueço que estamos nas cavernas quentes de Varmadum?

- Aí também não!

- É a flecha mágica, gelada. Ela alivia o calor.

- Isso soou esquisito. - Haseid encara a colega, rindo com olhar malicioso.

- Você entendeu, seu puto. - Sharon dá

um soco leve no ombro do oganter e segue. – Pra completar, a Justiça do Rei tira a visão enevoada que às vezes tem no lugar. De vapor e fumaça, quando aparecem. Então pra mim fica quase normal.

– Mas e sobre esse sonho que você disse? Falou de uma luz branca e tal, mas será que não quer dizer que a gente vai cair numa armadilha e torrar na lava?

– Acho que não.

Os dois se calam a partir daí. Batedores deveriam todo o tempo evitar fazer barulho ou conversar o que não fosse essencial, mas todo o tempo é tempo demais. Não se passa mais que meia hora e outra conversa surge. Uma diferente.

– Espera, Sharon.

– O que foi?

– Estamos entrando em uma área que parece ser de algum predador.

– O que você viu?

– Alguns sinais. Tem um aviso ali: "Essa área pertence à gente. Somos predadores."

Sharon franze a testa e olha na direção apontada, não vendo nada em particular. É um canto um pouco afastado do caminho, perto de uma parede onde um musgo se forma.

– Marcação de território.

– Você acha que devemos seguir?

– Lembra lá atrás, há meia hora?

– Sim, tinha outro caminho e nós escolhemos este.

– Talvez seja melhor a gente voltar e pegar aquele outro. Tipo, a gente deve dar conta se aparecer algum predador, mas...

– Pode aparecer mais predador em seguida.

– É isso. Bora voltar?

– Vamos.

Os dois recuam em silêncio completo. Ouvem barulhos de grunhidos ao longe enquanto se afastam.

– Parecem tigres. Como pode ter tigre tão dentro de uma caverna? – Sharon questiona, curiosa.

– Talvez não sejam tigres, sejam de uma espécie própria das cavernas. E eu acho até que sei o que eles são, pensando agora.

– E o que são?

– Presas verdes! São uns lagartos doidos raceados com pantera. Eles costumam viver em caverna mesmo e formar família. Se for mesmo isso, pelo menos os de lá de onde eu vim, os filhos quando crescem partem pra buscar formar sua família também, mas não vão pra muito longe não. Isso quer dizer que esse caminho talvez esteja cheio de presas verdes, o que não é boa coisa.

– Mas se tem tantos no caminho, eles devem sair com frequência pra buscar comida, pois não tem como ter tanta presa perto.

– Sharon, você saca rápido as coisas. É quase uma patrulheira, ó! É isso. Eles devem ter vários acessos de saída para atacar em

caminhos neutros, que não são de nenhum grupo de presas verdes.

– Mesmo pelo outro caminho, pode ser que apareçam. Temos que continuar atentos.

Eles encontram o restante do grupo e voltam pelo caminho alternativo, evitando encontrar aquelas criaturas. Pelo menos num primeiro momento.

#25 - O Caminho do Sumiço

"A Gigante é mesmo pessoa importante. Eu vi aqui que ela falou com Flamdarir, o mago famoso! E conhece até um guardião de floresta, esse Leucalyus! Não é interessante isso? Ela fala que tem que plantar quatro negócios que eu não entendo o que é, meu jorneikanto não é bom tanto ainda. Ela não explica o que é esse baga, acho que é um tipo de semente ou esporo. Também não explica porque eles são mágicos, só que tem que plantar quatro porque Flamdarir mandou. E tudo pra separar o mundo debaixo do mundo de cima por causa do Golvoczur, mesmo ela não dizendo o nome eu sei que é por causa dele. Mas eu ficava embaixo. Eu sou perigoso também? Ela reclama que virou escrava, mas pra mim foi bom. Não fosse isso, eu ainda estava escravo do Rei Pirata, se ainda vivo."

O grupo voltou para o outro túnel. Era um túnel circular e perfeito, mas que seguia na direção que eles precisavam.

- Olha... Esse túnel está estranho, tá não? - Wolfgar fala para All Thorn.

- Parece cuidadosamente esculpido. Quem teria esse trabalho todo? Será que ele leva a alguma cidade importante?

- Não sei. Pensando em alguma coisa?

- Poderia ser uma cidade de elfos das cavernas.

– E isso é bom? É melhor que leve pra outro canto!

– A gente devia voltar. – Neriom entra na conversa dos dois. – A gente ouve umas histórias desde novinho. Se o caminho parece perfeito demais, melhor ter cuidado porque às vezes quem vai por ele não volta. A gente chama de uma coisa que no jorneikanto seria tipo "caminho do sumiço".

Um pouco mais à frente, outros dois conversavam sobre coisas parecidas.

– Esse túnel não tá muito certinho não? – Ild pergunta a Ezelius.

– Besteira! Deve ter sido criado por um raio desintegrador.

– É, sabichão? E desde quando raio faz curva? – O monge aponta para mais adiante, onde de fato se nota que o túnel deixa de seguir reto, fazendo uma curva suave pra direita.

– Não sei. Vai que o raio desintegrador faz curvas dessas.

– Mas gosta de zoar! Nem existe esse raio que você tá falando! E seria um raio de que largura? Uns cinco metros?

– Eu diria que seis, no mínimo.

– E que poder da gota é esse? Um raio desintegrador de seis metros de largura que sai comendo tudo sei lá por quantos quilômetros!?

Ezelius não contem o riso e levanta as mãos dizerndo:

– Eu não sei. Só falei de uma possibilidade.

Lá na frente o túnel termina em uma caverna mais natural.

– Ufa! Chegamos num canto melhor. – Haseid suspira, ao descer da passagem, que é cerca de meio metro mais alta que o chão desse novo lugar. – Não quis dizer nada, mas esse caminho me dava calafrios! Parece muito perigoso.

– Você também acha que não é natural? – Sharon pergunta.

– Depene do que você está chamando de natural.

– O túnel era quase perfeito, mas não era lapidado, não tinha acabamento.

– Certo. Parecia ter sido construído por alguém, mas se fosse teria esse acabamento que você diz.

– Então, como... Espera, olha ali em cima.

Haseid olha na direção apontada pela Sharon e vê um túnel similar a três metros do chão, vários passos adiante.

– Sharon, acho que você está certa. Acho que entendi onde você quer chegar e olha onde a gente tá e o resto da caverna. Essa parte está meio regular, como se alguma coisa tivesse caído e amassado tudo aqui, em algum momento.

– Algo bem grande.

– Pare! Não se mexa, Sharon, acho que sei o que temos por aqui.

– Algo que usa sons na terra como sentido?

– Sim, um escavador. É um verme que escava terra e rocha, mas nunca ouvi falar de um tão grande!

– Certo, certo. Então temos que avisar os outros. Você podia chamar alguma criatura pequena, de preferência voadora, pra levar o recado num pedaço de papel.

– Hehe... Sobre isso, vai dar não.

De repente, um estrondo vem do túnel de onde os dois haviam saído, onde os colegas do grupo ainda estavam.

– Tarde demais? – Haseid comenta, vendo a Sharon correr de volta por aquele caminho. – Ah, saco, então vamos lá.

Ele joga a estatueta da pantera no chão, invocando seu animal amigo e vai também atrás da elfa.

– Ei! – Ezelius grita, surpreso, ao ser ultrapassado pela Sharon, que ele nem havia percebido se aproximando. Poderiam falar sobre o barulho ouvido, de onde vinha, mas era desnecessário: os dois sabiam que vinha da retaguarda do grupo.

– Teraaz... – Sharon fala, sozinha, enquanto corre. Se a criatura está por perto e se orienta pelas pisadas, Teraaz é um cavalo!

Para alívio dos elfos, os companheiros estão bem. All Thorn desceu do Teraaz e

deixou apenas o gnomo montado. Wolfgar e ele caminham de armas em punhos, preparados para um novo ataque. Atrás dos dois, outro túnel enorme, esse vertical, corta o caminho que eles usaram. Um grande barulho vem dele de repente.

Bolas de pedra caem. Enormes, escuras e pesadas. O chão começa a tremer quando elas param de cair. Sharon, Wolfgar, Neriom, Teraaz, Ild, Ezelius e, vindo montado na pantera, Haseid, veem quando o enorme verme desce com a boca aberta sobre o paladino.

#26 - O Escavador

"Naquelas cavernas onde habita o mal
Veremos se duram, garanto que não
Pois tudo que é podre vai ter seu final
E não há espaço para enrolação
Que suma logo o que não é natural
E claro que vai, logo eles sumirão
E aqui vai virar um lugar mais legal
Eu não vou ficar, mas muitos ficarão
Preciso voltar para o meu pantanal
E eu acho que até antes disso acabar"

- Gigante!? Você viu isso?! - Neriom salta do Teraaz e corre para perto da elfa, com o rosto deformado pelo espanto.

Sharon pensa em alertá-lo para continuar onde estava, mas ele já havia descido. Além do mais, ela conclui que o gnomo deva ser leve demais para interessar o Escavador. Ela simplesmente se arma e espera que ele apareça novamente.

- Haseid? Temos que marcá-lo.

- Marcar, Sharon?! Eu vou é atrás dele! - O oganter fala antes de saltar no buraco, montado em sua pantera.

- Ele está doido?!

- Calma, Neriom. Vamos dar um jeito de salvar o paladino.

- Como!? Ele foi engolido! Você viu!

- Não esquenta, isso sempre acontece. - Ela esboça um sorriso para tranquilizá-lo, mas

o gnomo percebe como ela também está apreensiva com a situação.

– Vocês vão ficar só olhando? – Wolfgar passa pelos dois, aumentando de tamanho pelo poder do martelo, e salta também naquele enorme buraco.

Ild e Ezelius se aproximam em passos leves e calmos.

– É, pequeno, eles são bem doidos mesmo. – Ild comenta.

Dentro da criatura, All Thorn ainda está inteiro e sente seu corpo arder. Seu óculos de ver no escuro se perdeu na confusão. Felizmente ainda tem sua espada e seu escudo.

Infelizmente, entre as coisas que lhe faltam está o equilíbrio. O ar respirável está perto de faltar também. Ele pensa em um plano para sair do sufoco. Envolve, claro, sua espada de bronze celestial, material especialmente útil contra monstros. A espada e uma habilidade sagrada. Isso já é um pouco mais complexo e ele precisaria dar um jeito de se levantar e se firmar. Se o monstro ficasse quieto por um instante, já ajudaria.

Lá em cima, o chão começa a tremer novamente.

– Não se mexam! Ele está voltando! – Sharon grita, mas o tremor vai reduzindo e finalmente para.

– Ele foi embora? – Neriom pergunta.

– Não, acho que não. Deve estar tentando achar a gente.

– Como?

– Pelo chão. – A elfa responde e, de repente, ocorre uma ideia. Mirando uma distância segura de onde estão, ela dispara uma flecha levando a ponta explosiva criada por Grog. A flecha atinge o chão num estrondo, levantando poeira. Tão logo a flecha volta, ela a dispara novamente na mesma direção, a alguns metros de distância do primeiro acerto. Com a flecha viajando rapidamente no ar, ela aciona a habilidade mágica explosiva. A flecha cai causando um outro estrondo.

O chão volta a tremer e eles veem o Escavador abrindo um buraco, vindo debaixo. Ele se desloca meio desengonçado pelo túnel.

Sharon dispara novamente sua flecha, duas vezes. Dessa vez, na criatura. A flecha perfura o alvo e some para fazer seu segundo voo. Ao atingí-lo pela segunda vez, porém, ela bate e cai no chão.

Aproveitando a aparente confusão do Escavador, Ild corre até ele para aplicar uma série de golpes.

– Vou jogar uma bola de fogo. – Ezelius fala, de repente.

– Você não tá doido! – Sharon responde.

– Não tá funcionando!

– O quê, Ild?

– Meus socos! É como se ele

aprendesse e deixasse a pele mais dura de repente.

É quando Sharon resolve olhar a pele tão grossa da enorme criatura com mais atenção. De repente, ela percebe o que há de errado.

Com uma teoria na cabeça, ela dispara mais uma flecha. A flecha fura a pele antes de desaparecer.

– A pele do verme se altera ao ser atingida.

– Como assim?

– Deve ser uma forma de resistir melhor aos túneis. Ela se altera e se protege do tipo de ataque que recebeu. Temos que atingí-lo de forma alternada.

– Ué, sabia não? – Haseid, pegando o final da conversa, passa veloz sobre a pantera em direção ao monstro.

Antes que ele chegue, um clarão preenche o túnel: a magia de relâmpago foi lançada por Ezelius. Os ataques seguem e uma nova luz aparece após vários e vários golpes do grupo. Dessa vez, vindo de dentro do inimigo.

Rasgando a pele, surge uma espada de fogo. Sangue e fluido gosmentos se espalham no chão, trazendo All Thorn segurando a espada celestial, já extinguindo aquele fogo que trazia. Deitado de costas, ele respira fundo, aliviado.

– Até que foi fácil! – Ezelius comenta.

- Fácil?! Cê tá doido, fio? - Haseid protesta. - Você não sabe a bagaceira que foi lá embaixo! E se o paladino demorasse mais um pouco, ele pegava o beco. De novo! E dessa vez não tem clone pra gente remendar ele não!

- E vocês conseguiram alcançar o monstro lá embaixo?

- Lógico! Aí ele correu e eu voltei quando ouvi o barulho. Falar nisso, espera aí... - Ele recolhe a pantera e vai em direção ao corpo rasgado e parado do enorme verme.

- E o anão?

- Aparece já! - Haseid responde, chegando perto do paladino. - Eu acho. E aí, mano? Tá bem?

- Já estive melhor. Mas também já estive pior. - All Thorn aceita a ajuda do oganter para se levantar. Depois disso, vê o colega ir até a ferida do Escavador. - Vai onde?

- Esses bichos vivem muitos anos para chegar num tamanhão desses. Podem digerir pedra e metal, quase tudo, mas tem coisa que não digerem. Vai que...

#27 - Armas Celestiais

"As pessoas costumam me perguntar como foi que eu consegui o Corisco. Essa é uma história muito boa! Quando eu tinha só quarenta e cinco anos, eu fui vítima de controle mental do povo de outra realidade, de um lugar chamado Toque ou algo parecido. Eles controlaram meu corpo e eu voei até as nuvens no meio de uma tempestade. Ali eu comecei a montar o cajado mágico. Raspei com um facão a madeira, dobrei as partes que precisavam ser dobradas e botei um relâmpago dentro dele. Foi bem trabalhoso na verdade, mesmo porque eu tinha que ficar descendo pra pegar mais material. Eu sei, eu não voo naturalmente, mas eu estava sob controle mental, ué! Também não consigo fazer outro igual pelo mesmo motivo. Eu não conheci a receita. Quer saber como eu me livrei do controle mental? Ah, essa é uma outra história..."

Recuperado do confronto com o Escavador, deixando seu corpo entregue a qualquer criatura sinistra que venha lhe devorar, o grupo segue pelos túneis subterrâneos.

- Quem diria que encontraríamos pedras preciosas dentro do monstro? - Ild fala com Haseid. - Aquelas bolas que caíam não eram os dejetos dele? Não era pra essas pedras pararem lá?

– É, lá deve ter também, mas só o pó, misturado com outras coisas e endurecido de novo.

– Entendi. E a espada que você disse que achou lá?

– Foi! Essa é incrível! Dá uma olhada. – Ele mostra ao monge uma espada de formas delicadas. Seu cabo levemente curvo e para manuseio com uma mão. A lâmina cortante somente de um lado era prateada e trazia gravações em relevo que lembravam um galho cheio de pequenas folhas.

– Haseid! Isso é uma espada élfica!

– Era! Agora é uma espada oganter! Ou melhor, uma espada haseidenta!

– Estou falando sério.

– Deixa eu ver! – Wolfgar chega perto. – Posso?

Haseid dá de ombros e entrega a espada, mas antes de soltar ainda fala:

– Mas é só pra ver. Ela ainda fica comigo.

– Tá bom, quero só ver mesmo! – Ele pega a espada e começa a manusear, tocar, então conclui. – Ela é de prata celestial, é mágica.

– Então é parecida com a do paladino...

– Não, a dele é de bronze celestial.

– E qual a diferença?

O anão franze a testa em reação à pergunta, como se Haseid estivesse

perguntando isso só de brincadeira. Concluindo que o amigo realmente não sabe a diferença, ele resolve responder.

– Os dois são bons contra monstros, mas a prata celestial pode ser preparada contra um tipo de criatura.

– Que tipo?

– Depende de quem forjou a arma, ué!

– Sim, o anão está falando a verdade. – Ezelius se aproxima e fala, sério. – Esse tipo de arma élfica é para enfrentar um tipo de inimigo em especial.

– Interessante. E essa aqui é pra que tipo?

– Poderia ser contra oganter...

– Para, Ezelius! – Wolfgar protesta. – Não confunde as coisas pra ele. A prata celestial brilha quando o inimigo dela está perto. Quando a lâmina dessa espada brilhar você vai saber contra o quê ela foi forjada.

– Deixa eu dizer uma coisa. – Ild fala novamente. – Uma relíquia élfica é algo muito precioso, de valor incalculável para os elfos. Não sei como ogânteres lidam com essas coisas, mas uma arma desse tipo deveria ficar pelo menos com um elfo.

– Sai daí, já quer ficar com essa espada maneira? Eu que achei e pronto.

– Ezelius? Sharon? O que acham?

Ezelius ergue levemente os ombros, como quem diz "Por mim, tanto faz". É Sharon quem fala.

– Essa coisa de artefatos que são relíquias é verdade, para elfos e anões pelo menos. Mas no fim o que importa é que seu portador seja digno e acho que Haseid é. Além do mais, se for realmente muito poderosa, a espada terá consciência e ela mesma será capaz de decidir se aceita o Haseid ou não. Vamos deixar essa discussão pra lá, refazer nossa formação e seguir viagem? Que tal?

E lá se vão Sharon e Haseid pra frente, distantes do restante do grupo, enquanto All Thorn espera todos irem para cuidar da retaguarda.

– Talvez não devêssemos ter comprado o cajado. – Ezelius comenta com Neriom, que decidiu ir com ele, Wolfgar e Ild, para caminhar um pouco.

– Por que não?

– Você poderia lutar com a espada!

– E o que é que eu vou fazer com uma espada? Eu sou clérigo, não guerreiro!

– É, tem isso... Eu poderia ter ficado com ela, até porque é uma espada élfica mesmo. Aí eu dava o Corisco pra você.

Wolfgar, que ouvia a conversa, torce a cara.

– Tenha jeito! Onde que tu daria o Corisco pra outra pessoa?!

– Isso é só uma hipótese.

– Tá bom! Mas não liga, pequeno, o seu cajado parece interessante e ainda vai se

comunicar com você e revelar seu verdadeiro poder.

– É como eu espero...

– Mas eu ainda acho – Ild fala – que essa espada élfica devia ter ficado com um elfo.

– Lá vem você de novo... – Wolfgar gira a cabeça, impaciente.

– É sério! Se fosse um machado anão perfeito que ele encontrasse?

– Hahaha! Que comparação, hein? O Haseid já usa uma espada hoje. Aquela Lâmina de Prisma foi feita por quem? Não foi por elfos também? Ele e o paladino já usam espada, por que não deixar um dos dois usar essa faquinha de elfo?

– Só estou dando minha opinião...

#28 - O Mistério do Rei Anão

"O interessante é que o Jorneikanto usa um alfabeto simples para escrita. Acredito que isso tenha contribuído para sua ampla adoção. Os humanos mesmo utilizam esse alfabeto hoje, junto com o deles. Gnomos e goblins, que também usam alfabetos, ainda não adotaram o de Jorneik. Fica mais difícil para línguas escritas de outras formas. É o caso dos anões, elfos e dragões, que usam ideogramas. Existem ainda aqueles intermediários, que são um pouco raros. Orcs e efanos usam esse tipo de escrita, de símbolos silábicos. A língua élfica é muito bonita e artística quando escrita. Para quem não tem prática, é muito demorada e trabalhosa também. Há muito tempo temos uma escrita alternativa baseada em sílabas, para facilitar o aprendizado por gente de outros povos, mas essa escrita élfica alternativa caiu em desuso há alguns séculos."

Haseid dividia a atenção entre seu trabalho de patrulheiro e seus pensamentos. E olhava para a espada élfica e a Lâmina de Prisma, como se estivesse em dúvida sobre qual deveria tomar como sua arma principal.

- Cuidado, Haseid, nossos artefatos de sangue não são apenas objetos.

- Ah, sim, claro! Eu sei disso! É que estou só pensando... Você é elfa, né? Sabe dizer não que poderes essa espada tem?

– Infelizmente não. Mas se fosse você, eu escolheria rápido. Ficando entre uma e outra, você pode terminar sem nenhuma.

Ele se assusta com isso e entende o que a colega quer dizer. Artefatos de sangue têm certa consciência e sentimentos. Eles escolhem se aceitam ou não seus portadores. Vai que a espada fica com ciúmes...

– Pronto, escolhi. Escolhi e pronto! – O oganter fala, confiante, enquanto guarda a espada élfica de volta na mochila.

Sharon sorri dessa reação e os dois seguem, à frente da comitiva.

Mais atrás, os outros elfos debatem.

– ...E com ela a pessoa poderia escolher se a lâmina fica com fogo, congelada ou com veneno.

– Parece interessante. Tem certeza de que é ela, Ezelius?

– Certeza, certeza, tenho não. Mas deve ser!

– Se a gente tivesse um bardo por aqui...

– Pra quê?

– Pra falar de espadas élficas lendárias, ué! O arcanista do grupo não serve de nada!

– Ô, calma aí! Não precisa me esculhambar!

Lá atrás, o assunto não era muito diferente.

– E aí, All Thorn, queria não a espada élfica? – Wolfgar lhe pergunta, do nada.

– Já estou satisfeito com a Celestial.

– É, mas a élfica parece ser um artefato de sangue.

– Isso é verdade. Não daria certo para mim. Meu artefato de sangue não é a espada e sim o escudo. Além disso, estou pensando em treinar para lutar usando dois escudos, não duas espadas.

– Entendo. Bom, vai servir pra ninguém pelo jeito.

– Talvez Flamdarir saiba a história dela.

– Verdade.

– E se não souber, deve ter um bom uso em mente para ela.

Lá na frente da comitiva, os batedores param surpresos com uma estranha descoberta.

– Parece um anão... – Haseid comenta.

– Com certeza é um anão. Um rei anão, provavelmente.

– Esse povo baixinho tem problema em aceitar sua altura, né? Uma estátua de anão precisava ter esse tamanho todo?

– Você acha que ele quer compensar a pouca altura usando uma estátua?

– Ou quer compensar outra coisa. Ha ha ha!

– Deve ser grande assim para retratar a grandeza dele como rei.

– Deve ser, mas a minha versão é mais engraçada. Ei, Sharon, que rei foi esse aí?

– Não faço ideia. Conheço muito pouco da história dos anões de Minas Leste.

– Caramba! Já estamos em Minas Leste? Tá doida?

– Claro que não. Devemos estar no máximo no início de Malinur, o que torna isso ainda mais estranho. O que essa estátua estaria fazendo tão longe do reino anão?

– Aqui pode ter sido um reino anão no passado.

Sharon encara Haseid, pensativa, por um instante.

– Tá vendo aí? Eu também tenho meus momentos geniais! Nunca ouviu falar de algum reino anão perdido por aqui?

– Não. Talvez Wolfgar ou Neriom saibam algo a respeito.

Eles esperaram o restante do grupo chegar, enquanto admiravam e debatiam sobre a enorme estátua. Quando o grupo finalmente se completa, ninguém sabia o porque de aquela estátua estar ali.

Continua...

Um dia Noel Rosa sai de um bar onde se apresentava e dá de cara com Papai Noel Confira neste cordel o papo entre eles.
A venda como ebook em cordeis.com

Uma cartinha escrita por uma criança para Papai Noel. Confira a nova versão deste cordel, agora gratuito!
Gratuitamente na loja cordeis.com

Que tal uns marcadores legais da novela As Sementes do Mundo Inferior? Grátis
Em cordeis.com (baixe e imprima!)

Cordeis.com *agora é uma loja online de ebooks. Lá você encontra livros digitais gratuitos e à venda. Cordéis, contos, material de RPG, novelas de aventura... Todo o sistema de pagamento é feito pelo Mercado Pago, permitindo compras em Pix, débito, crédito e boleto. Faça uma visita!*
https://cordeis.com/

Canais de divulgação de Literatura de Cordel, Fantasia Especulativa e RPG.

Whatsapp *https://bit.ly/ecordelw*
Telegram *https://t.me/ecordel*
Matrix *https://bit.ly/ecordelm*

Você pode acompanhar ***As Sementes do Mundo Inferior*** *pelo eCordel ou ver todos os episódios no link do projeto. Links para os canais* ***eCordel*** *também estão aqui:*
https://link.cordeis.com/sementes

Acompanhe as novidades do Bardo em
https://blog.cordeis.com/
ou na rede social de microblog **Mastodon**, no endereço:
https://ursal.zone/@bardo